

APONTAMENTOS ANALÍTICOS SOBRE A RELAÇÃO INTELECTUAL DE MACHADO DE ASSIS COM O TEMPO

ANALYTICAL NOTES ON THE INTELLECTUAL RELATIONS BETWEEN MACHADO DE ASSIS AND THE TIME

Luis Cláudio Palermo

Doutorando em História pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Brasil

Mestre em História pela Universidade Estadual do Rio de Janeiro, Brasil

e-mail: luisclaudio72@gmail.com

DOI:

<http://dx.doi.org/10.26512/hh.v5i9.10990>

Recebido em: 20 de março de 2017

Aprovado em: 19 de maio de 2017

RESUMO

O tema deste artigo é o intelectual, crítico e literato Joaquim Maria Machado de Assis, tendo como foco parcela de sua produção intelectual na modernidade brasileira. A questão que motivou esse trabalho é analisar a relação de Machado com o tempo, a partir de “Memórias Póstumas de Brás Cubas” e de alguns de seus textos de crítica. A base metodológica primordial assenta-se no cruzamento entre a interpretação de textos desse intelectual e algumas referências teóricas que pensam o tempo histórico não como um constructo meramente natural, mas que interessa à vida humana. O argumento desenvolvido é que esse intelectual tem uma visão ímpar sobre a estética literária e sobre as ideias modernas que chegavam ao Brasil oitocentista. Ademais, argumenta-se que essa visão machadiana permite identificar e perceber nele uma operacionalização não trivial da noção de tempo. Assim, ele não valoriza excessivamente nem uma perspectiva natural nem meramente racionalista do tempo. Portanto, a linha de raciocínio desenvolvida no artigo é substancializada pela identificação da presença da subjetividade na forma de Machado de Assis lidar com o tempo, pela importância do momento presente na reflexão dele sobre o tempo e por uma noção de processo que lhe confere um refinamento intelectual singular.

Palavras-chave: Machado de Assis; tempo; teoria da história; modernidade brasileira; intelectuais brasileiros.

ABSTRACT

The theme of this article is the intellectual, critical and literate Joaquim Maria Machado de Assis, focusing as part of his intellectual production in Brazilian modernity. The question that motivated this work is to analyze Machado's relationship with time, based on “Memórias Póstumas de Brás Cubas” and some of his critical texts. The primordial methodological basis is based on the intersection between the interpretation of texts of this intellectual and some theoretical references that consider the historical time not as a construct merely natural, but that concerns the human life. The argument developed is that this intellectual has an unparalleled view of literary aesthetics and modern ideas that reached nineteenth-century Brazil. In addition, it is argued that this Machadian view allows to identify and to perceive in him a non trivial operationalization of the notion of time. Thus he does not overrate either a natural or a merely rationalist perspective of time. Therefore, the line of reasoning developed in the article is substantiated by the identification of the presence of subjectivity in the form of Machado de Assis dealing with time, by the importance of the present

moment in his reflection on time and by a notion of process that gives him a refinement Intellectual property.

Keywords: Machado de Assis; time; Theory of history; Brazilian modernity; Brazilian intellectuals.

INTRODUÇÃO

Joaquim Maria Machado de Assis (1839-1908) é, decerto, um dos grandes nomes da história da literatura brasileira. Para muitos, ele é o nosso maior expoente no campo literário. Mas ele não foi apenas um literato, foi um excepcional crítico literário e um proeminente intelectual brasileiro do século XIX. Seus romances, suas críticas e suas ideias foram colocados em cena e defendidas num período em que o Brasil adentrava a modernidade, especialmente após os anos 1870.

A questão que dá ensejo e motiva este artigo é analisar a maneira como o referido pensador se relacionou com o tempo, seja pensando especificamente sobre o tempo (como ele refletiu diretamente sobre o tempo) ou pensando a partir do tempo (como ele refletiu sobre questões diversas, tendo o tempo como um dos eixos de organização nodais de seus pensamentos). Dessa forma, com base em alguns textos desse intelectual, procuro compreender como ele pensou e mobilizou algumas noções acerca do tempo em sua crítica e a partir da subjetividade de um personagem-narrador criado por ele.

O percurso analítico que é empreendido, neste artigo, foi construído a partir de um dos livros mais importantes do intelectual em apreço: *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Nesse sentido, é pertinente destacar que Daniel Pinha Silva¹ argumenta que esse livro marca um ponto de inflexão na obra de Machado de Assis, haja vista que nos oferece novidades patentes em sua produção, sem deixar, por outro lado, de pagar tributo ao amadurecimento desse destacado escritor brasileiro.

Outra referência importante é o recente texto de Alberto Luiz Schneider, que aborda Machado de Assis em sua segunda fase, estabelecendo uma comparação que sublinha as divergências entre o “Bruxo do Cosme Velho”² e Silvio Romero. Essa segunda

¹ PINHA, Daniel. *Apropriação e recusa: Machado de Assis e o debate sobre a modernidade brasileira na década de 1870*. Tese (Doutorado em História) – Universidade Católica do Rio de Janeiro, 2012.

² SCHNEIDER, Alberto Luiz. Silvio Romero e Machado de Assis: leituras e dissensos do fim do Oitocentos, *Intelligere, Revista de História Intelectual*, São Paulo, v. 2, n 2 [3], p. 54, 2016. Disponível em: <<http://revistas.usp.br/revistaintelligere>>. Acesso em: 08/05/2017.

fase é iniciada, de acordo com o referido artigo, pela obra *Memórias póstumas de Brás Cubas* (1881), seguida de *O Alienista* e *Dom Casmurro* (1899), entre outras obras³.

Além de *Memórias Póstumas*, cumpre ressaltar que foram usados também alguns outros artigos (críticas) de Machado de Assis na composição analítica deste trabalho que ora se enceta⁴. Devo expor que a leitura dos textos foi feita especialmente com o objetivo de pensar como, em alguma medida, esse intelectual brasileiro pensou e lidou com o tempo em suas análises, em suas críticas e a partir de seu personagem-narrador Brás Cubas.

O fundamento basilar dos argumentos desenvolvidos ao longo do artigo provém da interpretação que fiz de alguns textos do escritor em voga, com base numa noção de tempo acumulada em meu percurso intelectual e acadêmico, que se refere, sinopticamente, à noção de tempo (vivido e pensado) de acordo com as premissas modernas⁵.

Destaco, ainda, outros alicerces cruciais que contribuiriam na análise dos textos de Machado de Assis. Um deles é mais importante para este artigo. Trata-se, conforme mencionado, do trabalho do pesquisador Daniel Pinha Silva, que é um historiador cuja recente tese propõe novas interpretações sobre o papel da “produção crítico-literária de Machado de Assis em sua interlocução com o debate letrado brasileiro oitocentista”⁶. Outros dois são os artigos de Alfredo Bosi⁷, que contribui na análise sobre algumas versões importantes acerca do narrador Brás Cubas, e de Alberto Luiz Schneider⁸, que colabora, entre outros pontos, no sentido de pensar o lugar de Machado de Assis como crítico que recusou a adesão às escolas naturalistas e realistas⁹.

A CONSCIÊNCIA DA MORTE REGE E COORDENA A RELAÇÃO DE BRÁS CUBAS COM A SOCIEDADE E COM O TEMPO DA VIDA HUMANA

³ Outra referência importante é o texto de Alfredo Bosi, na medida em que esse autor afirma que: “[...] O que marca a singularidade das *Memórias póstumas*, o seu salto qualitativo, é o modo pelo qual a presença do narrador junto aos fatos dobra-se em autoconsciência”. Ver: BOSI, Alfredo. *Brás Cubas em três versões*, *Teresa revista de Literatura Brasileira*, n. 6 | 7, São Paulo, p. 279-317, 2006, p. 282.

⁴ Em minha trajetória pessoal e intelectual, eu li um conjunto de romances e contos de Machado de Assis, bem como algumas críticas desse autor. Contudo, cumpre realçar que os textos que foram precisamente usados na composição deste artigo encontram-se listados ao longo deste trabalho.

⁵ ARENDT, Hannah. O conceito de história – Antigo e Moderno. In: _____. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva, 1992, p. 69-126; ELIAS, Norbert. *Sobre o tempo*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998; KOSELLECK, Reinhart. *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2006; NUNES, Benedito. *Experiências do tempo*. In: NOVAES, Adauto. *Tempo e História*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992, p. 131-140; THOMPSON, Edward Palmer. *Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial*. In: *Costumes em comum – estudo sobre cultura popular tradicional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

⁶ PINHA, 2012, p. 7.

⁷ BOSI, 2006, p. 279-317.

⁸ SCHNEIDER, 2016.

⁹ SCHNEIDER, 2016, p. 57.

Memórias Póstumas de Brás Cubas, romance publicado originalmente em folhetins, a partir de março de 1880, na *Revista Brasileira*, é uma das obras mais ilustres da literatura brasileira. A história é narrada pelo personagem principal, Brás Cubas, que é um defunto autor. Trata-se, pois, de uma história contada por um homem que já morreu e essa informação é revelada logo no primeiro capítulo¹⁰, de forma a tornar claro para o leitor o lugar de fala do personagem principal.

Uma vez que anunciou ser um defunto autor – marcando seu lugar de fala – e que descreveu as pessoas que estavam presentes em seu velório, o personagem principal passa a expor suas memórias póstumas seguindo basicamente a cronologia crescente dos anos de sua vida. Dessa forma, Brás Cubas procura respeitar – após anunciar seu nascimento em 20 de outubro de 1805 (o nascimento começa no capítulo IX, que é intitulado “Transição”) – uma sequência temporal biológica pessoal (da infância/adolescência até a vida madura) que serve de referencial geral à narrativa.

Entretanto, Brás Cubas não promove uma narrativa linear, haja vista que se permite fazer, ao longo do livro, intercalações e digressões acrescentando algumas reflexões ou alguns acontecimentos que visam enriquecer a composição geral, construindo seu ponto de vista e sua forma de exposição das memórias. Nesse sentido, vale a alusão à pertinente observação geral do crítico literário Roberto Schwarz, pois ele defende a tese de que o caráter volúvel do narrador não é apenas um recurso literário, mas se trata de uma das características centrais que modelam e avivam o texto do livro *Memórias Póstumas*¹¹. “E como se, movido pela volubilidade, um prócer nacional [Brás Cubas] abrisse à visitação pública, na própria pessoa, os vícios de sua classe”¹². Assim, “[...] O narrador volúvel é técnica literária, é sinal da futilidade humana, é indício de especificidade histórica, e é uma representação em ato do movimento da consciência, cujos repentes vão compondo o mundo — vasto, mas sempre *interior*”¹³.

¹⁰ MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Memórias Póstumas de Brás Cubas*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994. Disponível em: <<http://machado.mec.gov.br/obra-completa-mainmenu-123>>. Acesso em: 02/01/2016.

¹¹ SCHWARZ, Roberto. “Questões de forma”. In: *Um mestre na periferia do capitalismo*. 4ª edição. São Paulo: Duas Cidades/Editora 34, 2000, p. 109.

¹² SCHWARZ, 2000, p. 119.

¹³ SCHWARZ, 2000, p. 123-124, grifo do autor. Não obstante a pertinência dessas observações de Schwarz, cabe registrar, desde já, que minha interpretação é tributária da análise que Alfredo Bosi realiza sobre a narrativa de Brás Cubas em três versões (cf. BOSI, 2006). Nesse texto, o autor expõe e examina três versões gerais que a crítica tem dado ao narrador de *Memórias Póstumas*. Tendo em vista o pouco espaço neste artigo, em síntese, a primeira é protagonizada por Lúcia Miguel Pereira, que enxerga uma relação de associação entre narrador e autor. A segunda e a terceira foram capitaneadas pela crítica

É essa forma volúvel de narrar, estruturar e animar o texto que faz com que o defunto autor possa, de vez em quando, fazer sugestões de avanço ou recuo na história que é contada, além de prosar com o leitor. “De modo que o livro fica assim com todas as vantagens do método, sem a rigidez do método”¹⁴. A passagem a seguir contribui para dar substância aos apontamentos feitos até aqui, nesta seção:

Começo a arrepender-me deste livro [diz Brás Cubas]. Não que ele me canse; eu não tenho que fazer; e, realmente, expedir alguns magros capítulos para esse mundo sempre é tarefa que distrai um pouco da eternidade [ele está morto e não tem o que fazer]. Mas o livro é enfadonho, cheira a sepulcro, traz certa contração cadavérica; vício grave, e aliás ínfimo, porque o maior defeito deste livro és tu, leitor [Prosa com o leitor, acusando o leitor de ser o defeito do livro. Brás Cubas faz isso porque está morto, não tem o peso das pressões sociais]. Tu tens pressa de envelhecer, e o livro anda devagar; tu amas a narração direta e nutrida, o estilo regular e fluente, e este livro e o meu estilo são como os ébrios, guinam à direita e à esquerda, andam e param, resmungam, urram, gargalham, ameaçam o céu, escorregam e caem... [caráter não linear da narrativa]¹⁵.

Devo aduzir que o personagem Brás Cubas elabora uma narrativa que não está meramente preocupada em elencar acontecimentos que se desenvolveram ao longo de sua trajetória. Logo, não se trata de uma simples narração de memórias. Teoricamente, a narrativa tem uma feição que contempla o peso da subjetividade de Brás Cubas¹⁶. Portanto, Machado de Assis concebe um personagem que vai apresentar suas memórias, mas esse personagem faz isso – e aí está a questão assaz importante – do ponto de vista de um morto (que fala de “outro mundo”). Como desdobramento, essa nuance tem implicações na relação que o narrador estabelece com seu passado e com o que ele desvela para o público leitor sobre suas memórias. Assim,

sociológica cujo argumento basilar é que Machado de Assis compôs Brás Cubas como um narrador-protagonista que espelhava sua classe social. Há, nesse sentido, um distanciamento irônico que Machado de Assis mantém em relação ao seu narrador-autor. Assim, “[...] podemos qualificar a primeira como construtiva, a segunda como expressiva e a terceira como mimética”. Ver: BOSI, 2006, p. 304. Portanto, é importante ressaltar que Bosi defende a combinação desses vetores analíticos apresentados como produtivos para entender o referido livro de Machado de Assis, fazendo a ressalva crítica de que não deve haver predomínio de uma perspectiva monocausal. Essa ressalva alude especialmente à análise de Schwarz, que privilegia o que Bosi chama de imitação do narrador (Brás Cubas) em relação à situação de indivíduos que representariam sua classe social. Nesse ponto, em particular, a volubilidade cunhada por Schwarz perderia seu valor explicativo, segundo Bosi, porque reduziria à mimese o papel de Brás Cubas, desconsiderando a riqueza que está presente na subjetividade desse narrador e na busca de uma relação sensível (e mesmo volúvel) que ele estabelece com o leitor.

¹⁴ MACHADO DE ASSIS, 1994, Capítulo IX.

¹⁵ MACHADO DE ASSIS, 1994, Capítulo LXXI.

¹⁶ BOSI, 2006, p. 284; SCHNEIDER, 2016, p. 67.

[...] Machado engendrou a ficção do defunto autor, um expediente aparentemente irrealista escolhido para facultar a exibição — até o limite do descaramento — dos sentimentos todos de um ego que a condição *post-mortem* permitiria desnudar. Testemunho do passado e ponto de vista do homem já “desafrentado da brevidade do século” pedem interpretação que dê conta das razões do procedimento¹⁷.

O que se deseja argumentar efetivamente é que a subjetividade de Brás Cubas — precisamente a de um morto que começa a relatar suas memórias — permite-o, portanto, ter um controle relativamente maior de sua narrativa, tanto no que concerne à seleção dos acontecimentos que farão parte das memórias, quanto na forma como ele aborda tais acontecimentos. É importante reiterar que isso ocorre porque o defunto autor não se sente mais premido pelas regras sociais de convivência. Essa é uma característica decisiva na estruturação crítica do livro: o autor das memórias, por estar morto, não tem “freios” sociais e se sente mais à vontade para expor sua narrativa de forma mais crítica.

Meu argumento é que Machado de Assis não usa tal artifício — a saber, a escrita a partir de um defunto autor — com vistas a conceber um personagem com tonalidade transcendente (não se trata de um romance para falar sobre coisas do além-mundo). Ao contrário, seu objetivo é decididamente achar um lugar para Brás Cubas que permite a esse narrador potencializar ao máximo sua crítica à sociedade, elucidando algumas contradições humanas.

As memórias construídas do ponto de vista de um defunto autor produzem possibilidades de se colocar em evidência uma intervenção relativamente mais autônoma do autor/narrador (Brás Cubas). Nesse sentido, cabe lembrar que a literatura do século XIX passou a experimentar um recurso que prima pelos “modos de subjetivação do narrado”¹⁸ que é encarnado por Brás Cubas, a partir da concepção intelectual de Machado de Assis que fecunda o narrador. Tal recurso gera uma narrativa, em alguma medida, mais regida pela normatividade (ponto de vista do autor) do que pela facticidade (troca entre o que o autor deseja contar e o que a sociedade pode achar conveniente — crítica da sociedade), o que não exclui o caráter volúvel da narrativa¹⁹ porque este é fruto da perspectiva do sujeito que narra.

¹⁷ BOSI, 2006, p. 281, grifos e aspas do autor.

¹⁸ SARLO, Beatriz. *Tempo passado: cultura da memória e guinada subjetiva*. Trad. Rosa Freire d’Aguiar. São Paulo: Companhia das Letras; Belo Horizonte: UFMG, 2007, p. 18.

¹⁹ SCHWARZ, 2000.

E esse tipo de relativa autonomia enunciativa pode ser pensado tanto no que toca à seleção do que o defunto autor deseja expor (conteúdo de suas memórias) como na forma pela qual abordará os acontecimentos que ele elegeu como cruciais para fazer parte de sua fala (forma expositiva dos acontecimentos). A passagem a seguir confere substância ao que tenho argumentado, notadamente no que concerne à forma de abordagem dos acontecimentos. Assim, pode-se perceber como a relação com o tempo faz com que Brás Cubas – um morto – possa expor suas memórias de forma singular, diferentemente, portanto, do que ocorreria com um narrador vivo.

Talvez espante ao leitor a franqueza com que lbe exponbo e realço a minha mediocridade; advirta que a franqueza é a primeira virtude de um defunto. Na vida, o olhar da opinião, o contraste dos interesses, a luta das cobiças obrigam a gente a calar os traços velhos, a disfarçar os rasgões e os remendos, a não estender ao mundo as revelações que faz à consciência; e o melhor da obrigação é quando, à força de embaçar os outros, embaça-se um homem a si mesmo, porque em tal caso poupa-se o vexame, que é uma sensação penosa, e a hipocrisia, que é um vício hediondo. Mas, na morte, que diferença! que desabafo! que liberdade! Como a gente pode sacudir fora a capa, deitar ao fosso as lanteroulas, despregar-se, despintar-se, desafeitar-se, confessar lisamente o que foi e o que deixou de ser! Porque, em suma, já não há vizinhos, nem amigos, nem inimigos, nem conhecidos, nem estranhos; não há platéia. O olhar da opinião, esse olhar agudo e judicial, perde a virtude, logo que pisamos o território da morte; não digo que ele se não estenda para cá, e nos não examine e julgue; mas a nós é que não se nos dá do exame nem do julgamento. Senhores vivos, não há nada tão incomensurável como o desdém dos finados²⁰.

A consciência de que já morreu faz com que Brás Cubas, aparentemente, não se importe com o que a sociedade vai falar, achar, opinar etc. Ele está em um mundo diferente do nosso, tendo em vista que seu tempo na terra já se esgotou. Ratifico que esse é um referencial importante na construção da narrativa e na crítica “ao Brasil de seu tempo”²¹. Destarte, a consciência de que já findou seu reinado na terra o permite ser menos regrado (ou nada regrado), menos limitado pelas coerções sociais (ou nada limitado), afinal, seu tempo já é outro, seu mundo já é outro.

Mas não é somente na forma de narrar e de fazer críticas à sociedade que a consciência da morte é um eixo primordial do livro em apreço. Vale ressaltar que a seleção dos conteúdos, dos acontecimentos que fazem parte da memória de Brás Cubas também é regida e coordenada por essa singeleza relacionada ao tempo do narrador (um autor defunto). O excerto a seguir ajuda nessa compreensão:

²⁰ MACHADO DE ASSIS, 1994, Capítulo XXIV.

²¹ SCHNEIDER, 2016, p. 62.

Já agora não digo o que pensei dali até Lisboa, nem o que fiz em Lisboa, na península e em outros lugares da Europa, da velha Europa, que nesse tempo parecia remoçar. Não, não direi que assisti às alvoradas do romantismo, que também eu fui fazer poesia efetiva no regaço da Itália; não direi coisa nenhuma. Teria de escrever um diário de viagem e não umas memórias, como estas são, nas quais só entra a substância da vida²².

O defunto autor apresenta, em seu relato, que a escolha do que é ou não narrado nas suas memórias faz parte da edição arbitrária²³ feita por ele mesmo. Com isso, pode-se observar, na primeira parte grifada do trecho acima, que Brás Cubas faz menção a alguns acontecimentos, mas adverte o leitor que não deseja revelar o que ele fez ou o que aconteceu no período em que esteve na Europa. A fundamentação elaborada pelo personagem gira em torno da diferença entre um diário de viagem e as memórias de uma pessoa. Tal diferença denota a preocupação de Machado de Assis em sobrelevar a subjetividade de seu personagem principal – um defunto autor – na produção da narrativa. Memórias são compostas de substâncias da vida²⁴. E tais substâncias são claramente problematizadas no trecho destacado anteriormente.

O fato de o personagem principal ser um defunto torna-se, portanto, um recurso perspicaz que permite ao narrador colocar em evidência que o tempo e a consciência de finitude são elementos valorosos na relação que os indivíduos (ou os grupos) têm com a sociedade, afinal, para Brás Cubas o seu tempo (o tempo de um morto) foi decisivo em suas escolhas e na maneira como se portou ao contar sua memória. Diante do exposto, pode-se depreender, a partir dessa concepção realizada por esse eminente intelectual brasileiro oitocentista, que a forma como os indivíduos (ou os grupos) lidam com a vida e com os acontecimentos sociais está regida e coordenada, em alguma medida, pela relação que eles têm com o tempo e também com a consciência de sua própria finitude.

A “TEORIA DAS EDIÇÕES HUMANAS” E OUTRAS REFLEXÕES MACHADIANAS: O PRESENTE E A SUBJETIVIDADE COMO CONDIÇÕES CRUCIAIS PARA SE PENSAR O TEMPO (E A VIDA HUMANA)

Cabe evidenciar que, conforme visto na seção anterior, subjaz ao recurso da consciência da morte – mobilizado pelo narrador – a ideia de que há um sujeito, uma subjetividade que está por trás das escolhas, pois há uma consciência que seleciona fatos e aborda-os de determinada maneira, não de outra. Nesse sentido, chamo a atenção que tanto

²² MACHADO DE ASSIS, 1994, Capítulo XXII.

²³ BOSI, 2006, p. 293.

²⁴ MACHADO DE ASSIS, 1994, Capítulo XXIV.

a perspectiva subjetiva quanto a influência do presente na relação dos seres humanos com o passado são os motes que doravante são colocados em análise, de forma a buscarmos compreender um pouco mais sobre o espírito desse intelectual brasileiro em voga.

Segundo Schneider²⁵, Machado de Assis trava um debate pujante com outros intelectuais brasileiros, a partir da década de 1870, fugindo do Nacionalismo, do Naturalismo e do Realismo. Nessa linha de raciocínio, vale destacar que o artigo “Eça de Queirós: O Primo Basílio”, de Machado de Assis, que foi publicado em *O Cruzeiro*, em 16 e 30/04/1878, aborda diretamente a crítica do intelectual brasileiro dirigida ao português Eça de Queirós. Uma das premissas mais caras ao referido texto é a que trata do debate machadiano com a Escola Realista²⁶.

Ao menos dois pontos podem ser iluminados, no tocante à crítica que Machado de Assis faz a Eça de Queirós. O primeiro é que o crítico brasileiro deixa claro seu afastamento em relação à “distinção entre realismo/orientação moral requisitada pelas literaturas realistas delineadas por Silvio Romero e Eça de Queirós”²⁷. O segundo é que, para o autor de *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, a proposta formulada pela referida Escola carregava em seu projeto, ao fim e ao cabo, a tentativa de ocultação da subjetividade e do ponto de vista do escritor, em favor da “[...] descrição minuciosa, quase técnica, das relações adúlteras, eis o mal”²⁸.

Pode-se depreender, pois, que a subjetividade (do escritor, poeta, crítico etc.) é um elemento caro às ideias de Machado de Assis. Retomo, pois, um trecho exposto antes, com vistas a pontuar a força da subjetividade na referência analítica desse intelectual brasileiro oitocentista, a partir da narração de um personagem concebido por ele: “[...] Teria de escrever um diário de viagem e não umas memórias, como estas são, nas quais só entra a substância da vida”²⁹. Com essas palavras, podemos perceber que a seleção do que vai fazer parte das memórias e a forma de abordagem de um acontecimento que foi escolhido fazem parte do que se pode identificar como sendo a precisa intervenção da subjetividade do narrador Brás Cubas.

²⁵ SCHNEIDER, 2016, p. 56-59.

²⁶ PINHA, 2012, p. 196.

²⁷ PINHA, 2012, p. 196.

²⁸ MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Eça de Queirós: O Primo Basílio*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994, p. 8. Disponível em: <<http://machado.mec.gov.br/obra-completa-mainmenu-123>>. Acesso em: 10/01/2016.

²⁹ MACHADO DE ASSIS, 1994, Capítulo XXII.

A relevância da subjetividade no painel de referência intelectual desse literato pode ser flagrada, em adendo, no trecho a seguir, através do qual o narrador Brás Cubas nos mostra uma associação destacadamente cara entre sua subjetividade e a narração de seu passado. Trata-se de uma relação que remete a como lidamos com o passado e com o tempo, a partir de nossa perspectiva. Vamos ao excerto:

Meu caro crítico,
Algumas páginas atrás, dizendo eu que tinha cinqüenta anos, acrescentei: “Já se vai sentindo que o meu estilo não é tão lesto como nos primeiros dias”. Talvez aches esta frase incompreensível, sabendo-se o meu atual estado [um defunto]; mas eu chamo a tua atenção para a sutileza daquele pensamento. O que eu quero dizer não é que esteja agora mais velho do que quando comecei o livro. A morte não envelhece [claro, pois Cubas era um defunto e não sofria mais o efeito do tempo da vida]. *Quero dizer, sim, que em cada fase da narração da minha vida experimento a sensação correspondente. Valha-me Deus! É preciso explicar tudo*³⁰.

O fato de Brás Cubas estar morto não o fazia, destarte, experimentar a passagem do “tempo sideral”³¹, que, decerto, exerce um papel coordenador da vida humana na Terra. Não obstante a esse axioma, é possível notar que o narrador deixa escapar e deixa-nos ver que sua subjetividade ainda era afetada pelo passado ao qual ele tomava contato exatamente ao lembrar sua vida e contá-la em suas memórias.

O tempo após a morte aparentemente não atingiu o narrador de *Memórias Póstumas*. No entanto, o ponto chave a ser evidenciado é que o tempo da vida é mediado pela sensação correspondente que o personagem experimenta em cada fase de sua memória, à medida que, *pari passu*, seu passado está sendo trazido à tona e contado. Noutros termos, ao lembrar sua vida e produzir uma narrativa sobre ela, o personagem acaba entrando, de algum modo, num plano terreno ou, pelo menos, envolvendo-se com esse plano (ligado à vida humana). Como consequência, essa transição da morte para a vida o faz experimentar sensações que o pressionam a enxergar o passado de forma diferente, precisamente à medida que o tempo de suas lembranças em vida (não no plano da morte) avança.

Meus destaques e minha interpretação até aqui foram colocados no sentido de identificar a subjetividade como algo importante nesse pensador brasileiro, notadamente no que tange à relação do ser humano com o tempo. Esse é, decerto, um elemento valoroso às

³⁰ MACHADO DE ASSIS, 1994, CXXXVIII, grifos meus.

³¹ THOMPSON, Edward Palmer. Tempo, disciplina de trabalho e capitalismo industrial. In: *Costumes em comum* – estudo sobre cultura popular tradicional. São Paulo: Companhia das Letras, 1998, p. 268.

Memórias Póstumas de Brás Cubas, seja de forma implícita ou patentemente colocado³². Cumpre ressaltar que é ainda mais importante conjugar esse elemento – a importância da subjetividade – com outro que cabe agora aduzir: o presente como condição crucial para pensar o tempo da vida humana.

No início desse romance em voga – mais especificamente no capítulo VI –, o personagem principal narra uma passagem em que está em sua alcova, deitado, debilitado e doente. Brás Cubas está pelos últimos dias de vida. Ele vê entrar em seu quarto Virgília, que fora sua amante e o grande amor de sua vida. “[...] Da cama, onde jazia, contemplei-a durante esse tempo, esquecido de lhe dizer nada ou de fazer nenhum gesto”³³.

A presença dessa mulher – e, por conseguinte, o momento presente de Brás Cubas – fê-lo lembrar do passado. “[...] Creiam-me, o menos mau é recordar”³⁴. Porém, “[...] Não durou muito a evocação; a realidade dominou logo; o presente expeliu o passado”³⁵. Com essas palavras, o narrador deixou uma dúvida sugestiva, “[...] Talvez eu exponha ao leitor, em algum canto deste livro, a minha teoria das edições humanas”³⁶.

Ele o fez efetivamente no Capítulo XXVII, por ocasião do surgimento de uma análise acerca de sua amada, a Virgília. Sem delongas, em síntese, a teoria é acionada para explicar a diferença identificada pelo narrador entre a imagem de sua amada no verdor de seus anos juvenis e a mesma imagem de uma mulher menos viçosa e mais envelhecida. Por ocasião dessa análise, o defunto autor expõe sua reflexão buscando uma palavra de conforto à sua amada:

Aí tem o leitor, em poucas linhas, o retrato físico e moral da pessoa que devia influir mais tarde na minha vida; era aquilo com dezesseis anos. Tu que me lês, se ainda fores viva, quando estas páginas vierem à luz, — tu que me lês, Virgília amada, não reparas na diferença entre a linguagem de hoje e a que primeiro empreguei quando te vi? Crê que era tão sincero então como agora; a morte não me tornou rabugento, nem injusto. — Mas, dirás tu, como é que podes assim discernir a verdade daquele tempo, e exprimi-la depois de tantos anos?³⁷

Nesse diálogo em que imagina e supõe falar com sua amada, Brás Cubas explica não somente as diferenças que enxergou nas “duas” Virgílias, em momentos distintos da vida dela, pois tal explicação seria facilmente construída por qualquer pessoa que poderia

³² BOSI, 2006, p. 279-317.

³³ MACHADO DE ASSIS, 1994, Capítulo VI.

³⁴ MACHADO DE ASSIS, 1994, Capítulo VI.

³⁵ MACHADO DE ASSIS, 1994, Capítulo VI.

³⁶ MACHADO DE ASSIS, 1994, Capítulo VI.

³⁷ MACHADO DE ASSIS, 1994, Capítulo XXVII.

fazer uma relação entre a passagem do tempo biológico ao envelhecimento da tez e do corpo como um todo, gerando um organismo vivo deformado pela ação do movimento natural do “tempo sideral”³⁸.

Entretanto, não foi somente isso que o narrador fez. Não é, pois, algo trivial. Ele empregou, finalmente, a sua “Teoria das Edições Humanas” para explicar e mostrar que a passagem do tempo não exerce efeito natural somente, mas produz, conseqüentemente, uma mudança de ponto de vista, ou seja, uma transformação na forma como o ser humano encara essa passagem. Desse modo, pode-se depreender da tese de Brás Cubas que o momento presente e a subjetividade do narrador se configuram em pontos fundamentais para que ele pudesse enxergar e pensar o passado de determinada forma.

Portanto, pode-se concluir que, a partir dessas reflexões, tanto a subjetividade humana quanto a força do tempo presente nos impelem a uma análise do passado que é coerente com a ideia do narrador as “Edições Humanas”, que, ao cabo, é uma “estação da vida”³⁹ ou uma fase da vida. O defunto autor deixa uma indicação valorosa, qual seja, a de que o eixo posicional é algo crucial em nossa análise sobre o passado. O excerto a seguir ajuda-nos a compreender mais substancialmente o argumento:

Ah! indiscreta! ah! ignorantona! Mas é isso mesmo que nos faz senhores da Terra [os seres humanos como senhores da Terra], *é esse poder de restaurar o passado*, para tocar a instabilidade das nossas impressões e a vaidade dos nossos afetos. Deixa lá dizer Pascal que o homem é um caniço pensante. Não; é uma errata pensante, isso sim. *Cada estação da vida é uma edição, que corrige a anterior, e que será corrigida também, até a edição definitiva, que o editor dá de graça aos vermes*⁴⁰.

Estão presentes, nessa teoria, três questões consideráveis que nos permitem examinar a relação que Brás Cubas estabelece com o tempo: a primeira é trivial e trata do reconhecimento de um tempo natural, que produz efeitos patentes no mundo e na vida; a segunda é a possibilidade de problematizar que esse tempo não se impõe por si só, haja vista que somos os “senhores da Terra” e, em razão disso, temos “esse poder de restaurar o passado”⁴¹, corrigindo as edições anteriores; a terceira é uma dedução de que essas possibilidades se colocam aos seres humanos, a partir do seu momento presente como condição basilar para pensarmos o passado (e o tempo).

³⁸ THOMPSON, 1998, p. 268.

³⁹ MACHADO DE ASSIS, 1994, Capítulo XXVII.

⁴⁰ MACHADO DE ASSIS, 1994, Capítulo XXVII, grifos meus.

⁴¹ MACHADO DE ASSIS, 1994, Capítulo XXVII.

A partir da leitura de *Memórias Póstumas de Brás Cubas* e com base na análise de Pinha⁴² sobre a crítica que Machado de Assis faz à Escola Realista, meu argumento é que esse intelectual brasileiro oitocentista desenvolve uma reflexão que mobiliza o tempo – ora em sua literatura, ora em suas reflexões críticas –, levando em conta que esse tempo não se impõe ao ser humano de fora para dentro. Há, portanto, uma dimensão relacional entre a realidade exterior (tempo natural e tempo humano) e a interior (subjetividade que interpreta os acontecimentos, a partir das estações da vida, a partir, enfim, do nosso momento presente). Portanto:

[...] Como a fortuna crítica em torno de Machado amplamente demonstrou, *o Bruxo de Cosme Velho rejeitou o essencialismo biologicizante nascido da ciência do século XIX, diferente das reflexões de muitos intelectuais da geração de 1870*. Os argumentos de Machado foram de natureza histórica e cultural, distantes das categorias biológicas e raciais, tão presentes na obra Silvio Romero, um intelectual comprometido com a retórica do progresso e da nacionalidade, assentava sua condição de leitor nos autores do Século XIX⁴³.

A VISÃO DO TEMPO COMO PROCESSO EM MACHADO DE ASSIS

Na seção que se inicia neste ponto, o foco da análise se dirige à forma como esse intelectual e crítico literário usou (e operacionalizou) uma noção de tempo em suas reflexões sobre a modernidade brasileira. Intento, nesta parte do trabalho, discutir em que medida a visão do tempo (e da vida) como um processo é um elemento basilar e valoroso às propostas analíticas desse pensador, mormente no que se refere à sua posição e postura intelectual nos debates sobre a modernidade brasileira.

Em face do exposto, é importante contextualizar o debate. Nesse sentido, a segunda metade do século XIX – mais notadamente depois de 1870 – marcou um período de grande movimento e excitação intelectual no Brasil⁴⁴. Foi uma fase de transição, em que se pode observar o crescimento substancial das políticas públicas dando maior privilégio às cidades⁴⁵.

⁴² PINHA, 2012.

⁴³ SCHNEIDER, 2016, p. 65, grifos meus.

⁴⁴ PINHA, 2012, p. 12.

⁴⁵ RODRIGUES, Antônio Edmilson Martins. História da urbanização no Rio de Janeiro. *A cidade: capital do século XX no Brasil*. In: CARNEIRO, Sandra de Sá; SANT'ANNA, Maria Josefina G. *Cidade: olhares e trajetórias*. Rio de Janeiro: Garamond, 2009, p. 87-103.

A Independência política do Brasil, em 1822, trouxe à tona uma necessidade subsequente de se empreender o que se chamava, à época, de independência intelectual⁴⁶, em relação ao colonizador português. A geração Romântica, de 1822 até os anos 1850, encarnou um espírito que intentava descrever o Brasil, mas o fazia de uma forma idealizada. Essa geração tomou o índio e a natureza⁴⁷ como fontes inspiradoras de uma noção de nacionalidade que se colocava como uma necessidade de afirmar a particularidade brasileira em face da anterior colonização portuguesa⁴⁸.

Após a segunda metade do oitocentos, o debate sobre o Brasil mudou de patamar. Portanto, os intelectuais da geração de 1870 posicionaram-se de forma diferente do que fora feito pela geração Romântica, sobretudo porque – vale salientar – passaram a se interessar em conhecer o Brasil com base na realidade do país. Desse modo, esses intelectuais saíram de suas escrivatinhas para buscar conhecer e pensar nosso mundo, ou seja, buscavam saber mais sobre um país real.

Nesse período em que ocorria a “efervescência do discurso de modernidade no contexto intelectual brasileiro”⁴⁹, Machado de Assis atingiu seu auge intelectual e travou debate com outros pensadores brasileiros. Uma das discussões que ganhou brilho, nesse contexto, foi sobre o papel da geração de 1870 na nossa modernidade, bem como, por conseguinte, sobre a função da geração Romântica (período anterior) na nossa independência intelectual.

Cumprе chamar a atenção que, nesse contexto, Machado de Assis colocou-se como um pensador crítico das posturas antinômicas e dualistas, além das posições que chaveavam o futuro com excessiva euforia e atuavam em franca desconsideração às tradições legadas. “Em 1873, o autor [Machado de Assis] escreveu um célebre artigo intitulado ‘Instinto da nacionalidade’, em que se pode ver um Machado respeitoso em relação à tradição herdada do Romantismo, em que ainda se vê o uso da expressão como a ‘cor local’⁵⁰. Com isso, o

⁴⁶ MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Notícia da atual literatura brasileira*. Instinto de nacionalidade. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994, p. 1. Disponível em: <<http://machado.mec.gov.br/obra-completa-mainmenu-123>>. Acesso em: 03/01/2016; RICUPERO, Bernardo. No passado, as bases da nação. In: _____. *O Romantismo e a idéia de nação no Brasil (1830-1870)*. São Paulo: Martins Fontes, 2004, p. 85-111.

⁴⁷ NAXARA, Márcia R. Capelari. O Brasil na sensibilidade romântica. In: _____. *Cientificismo e sensibilidade romântica*. Em busca de um sentido explicativo para o Brasil do século XIX. Brasília: EDUNB, 2004, p. 231-303. Ver especificamente intervalo entre as páginas 259-261.

⁴⁸ RICUPERO, 2004, p. 85.

⁴⁹ PINHA, 2012, p. 12.

⁵⁰ SCHNEIDER, 2016, p. 65.

pensador em apreço deu ensejo a um tipo de crítica que foi importante para a produção de ideias no Brasil oitocentista⁵¹.

Tanto a crítica machadiana à geração de 1870 como sua proposta de uma visão que levava em consideração (positiva) a tradição brasileira podem ser encontradas, por exemplo, no texto “A nova geração”, publicado originalmente na *Revista Brasileira*, vol. II, em dezembro de 1879. O importante crítico brasileiro do oitocentos chamava a atenção, nesse texto, para alguns pressupostos defendidos por integrantes da mencionada geração.

Duas críticas machadianas a esses intelectuais da geração de 1870 podem ser evidenciadas no texto em apreço: a primeira é a conjugação do ideal poético com o político, que foi empregado por essa geração, tendo como referência política “[...] a nova musa [que] terá de cantar o Estado republicano”⁵²; a segunda é a bandeira hasteada por membros dessa geração em favor da Escola Realista, sobretudo no que se refere à noção de realidade como valor estético em si⁵³.

Portanto, Machado de Assis estabeleceu um diálogo crítico com a mencionada nova geração (de 1870), sobrelevando alguns pontos que eram importantes em nossa tradição literária. Ele reivindicava, em síntese, que não esquecêssemos o legado que havia sido deixado pelas gerações anteriores⁵⁴. Essa forma de pensar machadiana buscava colocar em evidência as contribuições deixadas, salientando que havia elementos do passado que permaneciam (continuidades), ainda que tais aspectos não fossem claramente percebidos pelas novas gerações. Logo, a visão de futuro como projeto que remetia às mudanças – característico da geração de 1870 – não deveria desconsiderar a tradição (que alude às continuidades) como potencializadora desse futuro reluzente.

O escritor [Machado de Assis] enxergou linhas de continuidade na jovem tradição literária luso-brasileira – desde Santa Rita Durão (1722-1784), no Século XVIII, até o indianismo de Gonçalves Dias (1823-1864) –, cujas linhas deveriam continuar na “geração que ainda agora madruga”, a despeito das diferenças⁵⁵.

A abertura do texto “A nova geração” mostra essa perspectiva que procura ressaltar as permanências temporais, de forma perspicaz, denotando a amplitude da visão desse

⁵¹ SCHWARZ, 2000; BOSI, 2006; PINHA, 2012; SCHNEIDER, 2016.

⁵² MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *A nova geração*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994, p. 2. Disponível em: <<http://machado.mec.gov.br/obra-completa-mainmenu-123>>. Acesso em: 03/01/2016.

⁵³ MACHADO DE ASSIS, 1994, p. 3.

⁵⁴ SCHNEIDER, 2016, p. 65.

⁵⁵ SCHNEIDER, 2016, p. 58.

literato e crítico brasileiro do oitocentos, bem como sua capacidade intelectual aguçada e sua desenvoltura em relação à chave analítica temporal que é preciso iluminar. Pelo que foi exposto, é conveniente que se analise o trecho a seguir:

[...] o romantismo, teve as suas horas de arrebatamento, de cansaço e por fim de sonolência, até que sobreveio a tarde e negrejou a noite. A nova geração chasqueia às vezes do romantismo. Não se pode exigir da extrema juventude a exata ponderação das coisas; não há impor a reflexão ao entusiasmo. *De outra sorte, essa geração teria advertido que a extinção de um grande movimento literário não importa a condenação formal e absoluta de tudo o que ele afirmou; alguma coisa entra e fica no pecúlio do espírito humano*⁵⁶.

Cumprе aduzir que é bastante aclarada, em outro artigo, a perspectiva machadiana de pensar a continuidade como uma ideia inscrita na noção de processo. Sendo assim, no texto intitulado “O passado, o presente e o futuro da literatura”, que foi publicado originalmente em *A Marmota*, Rio de Janeiro, em 9 e 23 de abril de 1858, o autor proclama que, à aurora do Sete de Setembro de 1822, a revolução literária e a política eram necessárias. “O país emancipou-se”⁵⁷. Logo, o campo político já havia avançado.

Mas após o Fiat político, devia vir o Fiat literário, a emancipação do mundo intelectual, vacilante sob a ação influente de uma literatura ultramarina. Mas como? é mais fácil regenerar uma nação, que uma literatura. *Para esta não há gritos de Ipiranga; as modificações operam-se vagarosamente; e não se chega em um só momento a um resultado.* Mas após o Fiat político, devia vir o Fiat literário, a emancipação do mundo intelectual, vacilante sob a ação influente de uma literatura ultramarina. *Mas como? é mais fácil regenerar uma nação, que uma literatura. Para esta não há gritos de Ipiranga; as modificações operam-se vagarosamente; e não se chega em um só momento a um resultado*⁵⁸.

Em razão do exposto, devo sublinhar que foram pontuadas, até aqui, análises machadianas que se referiram primordialmente à noção de continuidade como algo importante e que podia fazer os intelectuais do século XIX enxergarem a tradição brasileira como um pecúlio, como algo valoroso, ou seja, como uma medida analítica que poderia alargar nossa visão do presente e potencializar o horizonte futuro.

⁵⁶ MACHADO DE ASSIS, 1994, p. 1, grifos meus em itálico para destacar a visão de processo na análise do autor.

⁵⁷ MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *O passado, o presente e o futuro da literatura*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994, p. 2. Disponível em: <<http://machado.mec.gov.br/obra-completa-mainmenu-123>>. Acesso em: 03/01/2016.

⁵⁸ MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *O passado, o presente e o futuro da literatura*, 1994, p. 2, com grifos meus.

Feitas essas considerações concernentes às permanências nas análises do referido escritor, cumpre colocar em realce, a partir daqui, uma visão desse importante crítico acerca da descontinuidade (mudanças). Intento, com isso, mostrar que suas análises contemplavam a mescla de formas distintas de operacionalizar o tempo (ora enfatizando as continuidades, ora as permanências), tendo em vista que essas análises estavam primordialmente baseadas numa crítica erudita, autônoma e consistente acerca de nossa produção de ideias oitocentista.

Nesse sentido, é pertinente acrescentar que outra crítica machadiana à geração de 1870 – bem como aos Românticos do período pós-1822 – pode ser encontrada também no texto intitulado “Notícia da atual literatura brasileira. Instinto de nacionalidade”, que foi Publicado originalmente em *O Novo Mundo*, em 24 de março de 1873. Trata-se de um ensaio escrito em 1873, que denotava a avaliação e a expectativa desse autor acerca da literatura brasileira.

O que interessa aos propósitos desenvolvidos aqui é destacar que o autor enfrentou, nesse ensaio, uma questão que havia sido proposta pelos Românticos e que abordava a importância da literatura brasileira em pensar o caráter nacional como meio de dar um tom de originalidade à nossa produção literária, a fim de motivar uma segunda independência brasileira, qual seja, a literária, conforme pontuado acima⁵⁹. E, nesse percurso, vale reiterar destacadamente que, em alguma medida, essa linha de pensamento sobre o caráter nacional também fazia parte da geração de 1870⁶⁰ e “Machado de Assis da segunda fase também recusou uma sensibilidade de cunho nacionalista”⁶¹.

Em vista dessas considerações, ressalto que o literato e crítico brasileiro em apreço afirmou, na abertura do texto “Notícia da atual literatura brasileira. Instinto de nacionalidade”, que “[...] Quem examina a atual literatura brasileira reconhece-lhe logo, como primeiro traço, certo instinto de nacionalidade”⁶². O autor tencionava, em alguma medida, mostrar que essa era uma linha capaz de seduzir tanto a geração Romântica quanto a de 1870⁶³.

Devo ressaltar que Machado de Assis parece, a princípio, concordar com a importância de que devesse haver a presença de certo instinto de nacionalidade em nossa literatura e que tal instinto se configurava como algo de valor relativo. Segundo ele,

⁵⁹ MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Notícia da atual literatura brasileira*, 1994, p. 1.

⁶⁰ PINHA, 2012, p. 38.

⁶¹ SCHNEIDER, 2016, p. 58.

⁶² MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *Notícia da atual literatura brasileira*, 1994, p. 1.

⁶³ PINHA, 2012, p. 38.

[...] No estado atual das coisas, a literatura não pode ser perfeitamente um culto, um dogma intelectual, e o literato não pode aspirar a uma existência independente, mas sim tornar-se um homem social, participando dos movimentos da sociedade em que vive e de que depende⁶⁴.

Não obstante a essa concessão, é fundamental evidenciar que o argumento principal do literato e crítico, nesse texto em voga, não é exatamente relacionado à importância da existência desse tal instinto em nossa literatura ou num literato. De acordo com Pinha⁶⁵, o critério nacional é insuficiente. Logo, tal critério só teria valor se, antes, precisamente antes, afirmar um valor estético, uma beleza que é literária e artística, não meramente de cunho nacionalista ou que exprima um caráter nacional⁶⁶.

O que se pode depreender desse debate é que Machado de Assis não negligenciava que certo instinto de nacionalidade poderia ser bom para a literatura brasileira, que buscava se afirmar e adaptar as ideias que vinham do ultramar para o nosso país⁶⁷. Tratava-se de uma tarefa positiva e importante a uma nação que havia conquistado recentemente – à época – sua emancipação política. Contudo, na visão desse intelectual oitocentista, esse instinto de nacionalidade deveria ser, no campo literário, algo secundário, precisamente secundário, ou seja, tal instinto deveria estar submetido à estética literária, aos valores regentes do campo da arte. Assim, “[...] O texto literário deveria servir-se de liberdade criadora, e não ser determinado por fatores extraliterários”⁶⁸.

Nesse sentido, é importante acrescentar que Machado de Assis, no texto “O ideal do crítico”, publicado originalmente no *Diário do Rio de Janeiro*, em 8 de agosto de 1865, discorre sobre o quanto os valores estéticos, com base numa atitude crítica, podem ser caros à literatura e à arte.

A arte tomaria novos aspectos aos olhos dos estreatantes; as leis poéticas, — tão confundidas hoje, e tão caprichosas, — seriam as únicas pelas quais se aferisse o merecimento das produções, — e a literatura alimentada ainda hoje por algum talento corajoso e bem encaminhado, — veria nascer para ela um dia de florescimento e

⁶⁴ MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *O passado, o presente e o futuro da literatura*, 1994, p. 3.

⁶⁵ No que se refere à interpretação sobre esse aspecto específico, ou seja, ao instinto de nacionalidade que está sendo proposta, a tese de Pinha apoia-se substancialmente no argumento de Abel Barros Baptista, no texto *A formação do nome: duas interrogações sobre Machado de Assis*. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2003. Ver: PINHA, 2012.

⁶⁶ PINHA, 2012, p. 40.

⁶⁷ SCHNEIDER, 2016, p. 58.

⁶⁸ SCHNEIDER, 2016, p. 59.

*prosperidade. Tudo isso depende da crítica. Que ela apareça, convencida e resoluto, — e a sua obra será a melhor obra dos nossos dias*⁶⁹.

Diante dessas considerações, devo expor que, em síntese, basicamente a partir de um dos textos mencionados anteriormente (“A nova geração”), meu primeiro argumento procurou evidenciar com maior pujança a chave da continuidade que foi colocada em jogo por Machado de Assis, com vistas a reforçar a ideia de pecúlio, de nossa tradição literária.

Em outro texto apreciado antes (“Notícia da atual literatura brasileira. Instinto de nacionalidade”), meu segundo argumento visou basilarmente enfatizar como esse intelectual oitocentista procurou se desgarrar de uma noção enraizada nas ideias de muitos literatos brasileiros que viam na exploração do caráter nacional de nossa literatura um elemento crucial para alcançarmos nossa originalidade. Logo, com relação a esse segundo argumento, reitero que Machado de Assis propõe, neste caso, uma descontinuidade em relação aos pressupostos defendidos tanto pela geração romântica como pela de 1870.

Portanto, se esse eminente crítico, literato e intelectual operacionalizou, no primeiro argumento formulado acima, uma perspectiva sincrônica do tempo (ênfase nas permanências), em seguida, no segundo argumento exposto, o importante escritor propôs um movimento que visou produzir uma perspectiva diacrônica (ênfase nas descontinuidades). Teórica e sinopticamente colocando a questão, pode-se registrar que:

[...] Machado [de Assis] estabelece com o debate brasileiro de seu tempo *uma relação de apropriação e recusa*: eis a hipótese que sustenta estas linhas. Explico. *Exercitando a crítica literária, ele incorpora e, ao mesmo tempo, rompe com o significado do moderno gerado pela discussão dos anos 1870*⁷⁰.

No que toca à relação específica desse literato com uma noção de tempo, podemos usar como referência analítica a tese de Pinha⁷¹, conforme grifado acima, para afirmar que Machado de Assis ora aceita como pertinente a tradição que era legada à sua geração como algo importante para potencializar as possibilidades do presente e do futuro (e, com isso, consegue enxergar a permanência temporal), ora recusa elementos dessa tradição (não a aceita por completo)⁷², pois considera que a mera repetição⁷³ emperra o desenvolvimento do presente (e, neste caso, consegue enxergar a descontinuidade como noção importante).

⁶⁹ MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *O ideal do crítico*. Rio de Janeiro: Editora Nova Aguilar, 1994, p. 3, grifos meus. Disponível em: <<http://machado.mec.gov.br/obra-completa-mainmenu-123>>. Acesso em: 03/01/2016.

⁷⁰ PINHA, 2012, p. 12, grifos meus.

⁷¹ PINHA, 2012.

⁷² SCHNEIDER, 2016, p. 56-59.

Em razão do que foi analisado nessa seção, interpreto que Machado de Assis não deve ser visto nem como um tradicionalista fechado nem como um progressista desmedido. A chave principal para compreendê-lo está situada, antes de qualquer elemento, em sua visão crítica da literatura e das novas ideias, em seu compromisso com esses ideais. E essa visão, conforme argumentado anteriormente, faz uso de uma noção de tempo que concatena passado, presente e futuro, sem valorações prévias entre os níveis temporais. Assim, pode-se afirmar que é também em função dessa capacidade crítica que esse proeminente intelectual conseguiu operacionalizar o tempo como um processo⁷⁴, não se enclausurando na tradição nem se rendendo facilmente ao futuro como progresso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Joaquim Maria Machado de Assis pensou e operacionalizou uma noção não vulgar de tempo em sua concepção criativa, bem como em suas análises acerca da literatura e sobre a modernidade brasileira. Sua erudição e inteligência o fizeram compreender que o tempo sofre influência do lugar ocupado por um sujeito histórico e também sofre interferência do momento presente que nos faz enxergar o passado ou projetar o futuro de forma diferente. Ademais, pudemos observar que ele soube operacionalizar uma noção de tempo que é consciente das continuidades e discontinuidades inscritas na vida.

Essas reflexões machadianas podem nos fazer estabelecer um paralelo entre o pensamento desse intelectual (e sua concepção criativa) e o desenvolvimento do moderno conceito de história e de tempo. Nesse sentido, cabe reiterar que temas como o papel da subjetividade do pesquisador⁷⁵, a importância do momento presente⁷⁶, a consciência de

⁷³ MACHADO DE ASSIS, Joaquim Maria. *A nova geração*, p. 3.

⁷⁴ Segundo o que se pode depreender do texto de Tiago Gomes, uma das questões mais importantes sobre a epistemologia do tempo que foi desenvolvida ao longo dos séculos XIX e XX, é a seguinte: “[...] A superação da dicotomia entre permanência e ruptura e a consideração da interação dialética entre esses elementos são fatores cruciais na tarefa (sic) do historiador”. Ver: GOMES, Tiago de Melo. A Força da Tradição a persistência do Antigo Regime historiográfico na obra de Marc Bloch, *Varia historia*, Belo Horizonte, v. 22, n. 36, p. 443-459, Jul/Dez 2006. É em função dessas apreciações de Gomes que se torna primordial destacar o pensamento de Machado de Assis e relacionar tal pensamento a uma perspectiva temporal fina, arguta e deveras inteligente, ainda que não protagonizada por um historiador de formação.

⁷⁵ KOSELLECK, 2006.

⁷⁶ CARR, E. H. *O que é história?*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1978; MASTROGREGORI, Massimo. Historiografia e tradição das lembranças. In: MALERBA, Jurandir (Org.). *A história escrita: teoria e história da historiografia*. São Paulo: Contexto, 2006, p. 65-94.

finitude⁷⁷ e a ideia de processo⁷⁸ se assomaram, no século XIX, como importantes nas análises machadianas sobre o tempo e a partir do tempo.

É primordial admoestar, por outro lado, que a investigação dos escritos desse intelectual, literato e crítico brasileiro não nos permitem afirmar que ele seja um historiador, mas simplesmente que ele provavelmente teve contato com autores que lhe deram base para pensar o tempo como um elemento crucial na análise da vida humana em sociedade. Portanto, é possível depreender que Machado de Assis leu sobre as filosofias do século XIX (especialmente sobre novas teorias científicas)⁷⁹ e sobre a literatura que chegava da Europa ao Brasil oitocentista, bem como tinha uma base de leitura acerca de eruditos de séculos anteriores⁸⁰. A sintonia fina presente na análise desse crítico e sua inteligência lhes permitiram receber essas ideias e pensar a partir delas como um intelectual, como um leitor ativo, não como mero leitor passivo das ideias vindas de fora.

Em face do que foi discutido, pode-se sustentar, a partir do intelectual em voga, que o Brasil produziu ideias, notadamente após o ano de 1870 ou, ao menos, interpretou as ideias que vinham do exterior e adaptou-as à nossa realidade. E o destacado e influente pensador oitocentista em voga, com sua inteligente movimentação por dentro da noção de tempo, bem como com sua arguta capacidade de operacionalizar o tempo como meio de análise, é um exemplo disso.

⁷⁷ NUNES, 1992, p. 131-140.

⁷⁸ ARENDT, 1992; KOSELLECK, 2006.

⁷⁹ Alberto Luiz Schneider mostra o quanto alguns livros importantes de Machado de Assis (*Memórias Póstumas de Brás Cubas*, *Alienista* e *Quincas Borba*, por exemplo) satirizaram as leis científico-evolutivas, mostrando que esse intelectual estava antenado com importantes referências modernas do oitocentos. Ver: SCHNEIDER, Alberto Luiz. “Silvio Romero e Machado de Assis: leituras e dissensos do fim do Oitocentos”.

⁸⁰ Alberto Luiz Schneider, a partir de Carlos Fuentes, centra seu argumento na tese de que a biblioteca de Machado de Assis foi crucial para que ele não se deixasse aprisionar nem colonizar pelas percepções hegemônicas que vinham da Europa. Logo, segundo Schneider, as diferenças entre Machado de Assis e Silvio Romero “passaram, em boa medida, por suas leituras e bibliotecas”. Ver: SCHNEIDER, 2016, p. 65.